



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 24 - julho de 2020

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p1-3>

APRESENTAÇÃO

Se, durante muito tempo, quando se pensava em livros, o que nos vinha à mente eram textos pertencentes a diferentes gêneros impressos sobre as páginas, sem que pouca ou nenhuma importância fosse atribuída a elementos relativos à sua materialidade, não é com esta realidade que nos deparamos no contexto contemporâneo, em particular no domínio da literatura para crianças e jovens. Mais do que um conjunto de páginas impressas, o livro é definido como um objeto que inclui, em sua composição, múltiplos modos ou gêneros de representação, com elementos combinados de impressão, imagens e design gráfico. No tocante ao livro-álbum (ainda designado no Brasil como livro ilustrado), a atenção à materialidade e ao suporte físico tem conhecido desenvolvimentos recentes, sobretudo em termos da valorização do designer e do projeto gráfico editorial, reconhecendo-lhe relevância na definição do artefato final que é o livro, para o qual concorrem em proporções idênticas também texto e ilustrações. Os elementos peritextuais (GENETTE, 1987) são cruciais para a definição do livro infantil contemporâneo e o investimento artístico no livro como um objeto é considerado um passo importante no processo criativo, já que todos os elementos que integram este artefato (capa, contracapa, guardas, folha de rosto, formato, encadernação e tipo de papel) devem interagir para multiplicar as suas possibilidades de leitura.

Reúne-se, neste número de *Fronteiraz*, um conjunto de reflexões de vários estudiosos de diferentes países e línguas sobre o impacto da materialidade no processo de construção e/ou de leitura e interpretação do livro para a infância e juventude, associado quer ao design gráfico de vários gêneros literários, com ênfase no livro-álbum/livro ilustrado, quer à própria construção de alguns formatos editoriais específicos, ligados ao livro-objeto.

Marnie Campagnaro, professora e investigadora da Universidade de Pádua, em Itália, é a autora do texto intitulado “The materiality of silence. The curious cases of Munari, Charlip and their picturebooks with no pictures”, no qual analisa dois livros-álbum

que recorrem às potencialidades significativas dos espaços em branco como forma de ilustração, tirando partido das sugestões simbólicas da cor e da capacidade imaginativa dos leitores, promovendo o pensamento criativo.

Já Isabel Mociño, professora na Universidade de Vigo, em Espanha, centra a sua atenção em um formato específico do livro-objeto, o dos dioramas ou livros-teatro (também designados por teatros em miniatura), centrando-se especificamente em uma criação de Rébecca Dautremer. O texto, intitulado “Lecturas de un artefacto: el teatro de papel de Rébecca Dautremer”, não só procura caracterizar este formato e analisar em profundidade a obra escolhida, como dá relevo a questões como o diálogo interartes, central para a leitura do volume selecionado.

Relativamente ao contributo de Ana Margarida Ramos e Diana Navas, da Universidade de Aveiro, Portugal, e da PUC-São Paulo, respectivamente, intitulado “*Ismália e O Arenque Fumado*: a expansão de sentidos a partir da materialidade do livro”, trata-se de uma leitura comparada de duas recriações de textos poéticos, em formato de livro concertina ou acordeão, analisando as implicações da materialidade e do suporte no processo de interpretação.

Claudia Mendes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por seu turno, em “Design emocional e o livro ilustrado: a experiência material na produção de sentidos”, trata das implicações do processo físico de leitura, associado à manipulação do objeto livro pelo leitor, na esteira da perspectiva teórica do design emocional

Simone C. de Almeida e Gisela B. de Campos, pesquisadoras na área de *design* da Universidade Anhembi Morumbi, contribuem com o texto “Representações da dobra no design gráfico de livros ilustrados para infância”, abordando a relevância da dobra na elaboração de livros ilustrados como um recurso capaz de enriquecer de novos significados a sua linguagem gráfica.

“A evolução do livro-objeto: técnica e estética” traz a contribuição de Diana Martins e Sara Reis, ambas da Universidade do Minho, em Portugal, a qual consiste na apresentação de uma sucinta visão panorâmica, diacrônica e sincrônica, do livro-objeto, articulada com conteúdos da História do brinquedo ótico, do álbum e do design.

Líliam Martins e Fernanda Gritti, da Universidade Estadual de Maringá, autoras de “Livros infantojuvenis Pra Cego Ver: a imagem materializada na audiodescrição”, analisam a audiodescrição de ilustrações em dois textos literários direcionados ao público juvenil, atentando-nos para as escassas produções de literatura acessível para cegos ou com baixa visão.

Em “Cânone e mercado editorial: uma reflexão sobre a vitalidade de Frankenstein, de Mary Shelley”, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Guilherme Magri da Rocha,

da Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis), propõem uma análise da obra *Frankenstein* (1818), de Mary Wollstonecraft Shelley, tendo como foco os paratextos da edição publicada pela DarkSide em 2017, e evidenciando como tais elementos modificam a relação do leitor com o material escrito.

Encerrando os estudos em torno da materialidade do livro, Márcia Silva e Josiane Soares, da Universidade do Rio de Janeiro, em "Prêmio FNLIJ 'o melhor projeto editorial': elementos da materialidade no livro de literatura para crianças", analisam as brochuras publicadas pela FNLIJ e seus pareceres sobre as obras premiadas na categoria O Melhor Projeto Editorial, evidenciando a materialidade do impresso como indicador de qualidade do livro de literatura destinado às crianças.

Para além dos estudos suscitados pela chamada específica sobre o relevo da materialidade, quatro ensaios constituem este número. Dois deles apresentam-se voltados a conhecidos autores de língua portuguesa - Clarice Lispector e José Saramago - abordando, respectivamente, a faceta jornalística da escritora, e a presença do (neo)fantástico e do alegórico na obra *Jangada de Pedra*. Outro, de viés mais teórico-reflexivo, busca compreender o sentido do sintagma "experimentum linguae" em Giorgio Agamben, refletindo acerca da poesia e da filosofia face ao indizível. Fechando esta seção, encontra-se um ensaio que discute os percursos crítico-teóricos das listas na literatura, levando-nos a refletir se elas carregam o leitor para dentro ou para fora do texto literário. Fronteiraz n.24 conta também com a resenha de "Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção", obra lançada em 2019, e organizada por Marta P. Pinheiro e Jéssica M. A. Tolentino, a qual, dialogando diretamente com a temática deste número, oferece-nos um panorama do campo literário infantil e juvenil, reflexões sobre a materialidade e, ainda, aspectos da produção e da recepção dos textos literários preferencialmente endereçados a crianças e jovens leitores.

Fazem ainda parte desse número duas entrevistas realizadas com dois criadores de livros-álbum contemporâneos, o português André Letria e o brasileiro Alexandre Rampazo, nas quais são abordados vários aspectos relativos ao processo criativo e editorial do livro-objeto, com ênfase para o projeto gráfico e a materialidade, bem como as suas implicações no processo de leitura. Estas entrevistas, ao darem voz aos criadores, permitem perceber melhor os desafios criativos que caracterizam o processo de concepção do livro, pensado como um todo durante todas as suas fases. Desejamos a todos uma excelente leitura e o despertar de novas investigações em torno da materialidade do livro.

Ana Margarida Ramos & Diana Navas